

BRASIL, ESTADOS UNIDOS E A POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA, ATRAVÉS DA REVISTA "EM GUARDA" (1940-1945)

Aline Vanessa Locastre
Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz (Orientador)

RESUMO

A revista estadunidense "Em Guarda", veiculada em vários países americanos (inclusive no Brasil) durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) trouxe em seus mais de 720 artigos, elementos que contribuíram para uma análise de como os Estados Unidos tentavam impedir os países do "Eixo" de tornar a América Latina sua zona de influência. Para tanto, os Estados Unidos mostraram-se como porta-vozes do progresso, da democracia e de admiráveis valores morais, que foram transmitidos através do rádio, do cinema, de revistas, de programas econômicos e de saúde. A imagem modelar da sociedade procurava ser disseminada por artistas, músicos e intelectuais e não por imposição militar.

Nesse esforço em construir uma boa imagem da nação americana, dentro da "Política de Boa Vizinhança", estava a publicação da revista "*Em Guarda*", que foi publicada entre 1941 e 1945, e acompanhou a participação das Américas na guerra. Nosso foco de estudo propõe a análise desse conteúdo impresso para a elaboração de estudos sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos na década de 1940.

Palavras - chave: 'Em Guarda'; Segunda Guerra Mundial; Política de Boa Vizinhança.

Nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a ascensão do nazi-fascismo ofereceu grandes riscos bélicos, econômicos e políticos às nações européias como Inglaterra, França e aos Estados Unidos da América.

Os Estados Unidos, desde o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) enfrentavam um intenso debate interno sobre “neutralidade”¹² perante tais conflitos e a maioria da população e de seus representantes no Congresso preferia manter a nação norte-americana fora do conflito que já ocorria na Europa. Mas a guerra iniciada em 1939 afetava diretamente os interesses estadunidenses¹³ no mundo. Uma dessas zonas de interesse era a América Latina. Em relação aos países ao sul de sua fronteira meridional, havia o entendimento de que o crescente “expansionismo alemão ameaçava o hemisfério e o equilíbrio montado pelos Estados Unidos”.¹⁴

Para dificultar a situação dos Estados Unidos, na América Latina, nos anos que antecederam e iniciaram a década de 1940, verificou-se uma simpatia de alguns de seus governantes às políticas adotadas pelos países de políticas fascista¹⁵.

¹² Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os Estados Unidos procuraram não mais envolverem-se na política européia, já que se proclamaram contra a morte causada na Guerra. Em 1935, aprovam o Ato de Neutralidade que proíbe a venda de armas para países beligerantes, mas havia restrições. Quando o Japão ataca a China em 1937, o presidente Roosevelt encontra uma brecha na lei e vende armas aos chineses. In TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 42

¹³ Dois termos serão utilizados no decorrer deste artigo. O primeiro será ‘estadunidense’ para referirmos aos Estados Unidos da América, levando em consideração que este é o termo que se refere mais diretamente aos Estados Unidos. Entendemos que o termo ‘norte-americano’ não leva em consideração os outros países que compõem a América do Norte (Canadá e México), portanto não pode ser utilizado para referir a um único país, diga-se aos Estados Unidos. Para nos referirmos aos países que compõem o território situado continentalmente abaixo dos Estados Unidos (que compreende a América do Sul, Central e o México), designaremos de uma forma abrangente para a escrita deste trabalho como países ‘latino-americanos’. Porém, compreendemos que há uma diversidade política, econômica e cultural muito grande nessa região.

¹⁴ TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit. p. 27.

¹⁵ BETHELL, Leslie; ROXBUROUGH, Ian. **América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.24

A influência alemã nesses países dava-se de uma forma preocupante para os Estados Unidos, à medida que acordos comerciais eram travados entre muitos países latino-americanos e a Alemanha. Além do mais, podia-se observar uma penetração propagandística nazista na região, inclusive com o surgimento de ditaduras que traziam muitas das características das ditaduras nazi-fascistas européias.

Porém, logo após o ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, todos os países latino-americanos haviam rompido relações com o Eixo e anunciado seu apoio às frentes Aliadas (Inglaterra, França e Estados Unidos, principalmente), exceto a Argentina (até 1945) e o Chile (temporariamente)¹⁶.

As Américas entravam unidas em guerra contra o Eixo. Essa união deveria ser aperfeiçoada, pois para os latino-americanos, a imagem dos Estados Unidos misturava a admiração de seus vizinhos pelo seu progresso e riqueza, com a memória sempre presente de intervenção política, econômica e militar.

No governo do presidente Franklin Delano Roosevelt, essa imagem foi remodelada, a partir de um conjunto de iniciativas, governamentais e privadas, para “conquistar” as alianças comerciais, diplomáticas e políticas com os países da América Latina. Era a “Política da Boa Vizinhança”. Esta já existia desde o antecessor de Roosevelt, o republicano Herbert Hoover, mas com o presidente democrata ganhou novas configurações e tornou-se a base da política externa estadunidense para as Américas.

A partir dos anos 30 a possibilidade de uma nova guerra mundial contribuiu muito para essa mudança. Os assessores mais diretos de Roosevelt sugeririam que, ao invés da exploração pura e simples, muitas

¹⁶Idem, p.24

vezes acompanhada de violência militar, os Estados Unidos deveriam atuar no incentivo ao desenvolvimento econômico, cultural e social dos países vizinhos. Ao invés de fuzileiros navais, optou-se em trazer professores, médicos e missionários¹⁷. Mesmo no âmbito militar, a proposta seria estimular os programas de cooperação, auxílio e treinamento das forças armadas latino-americanas, visando ampliar a segurança hemisférica sob direção estadunidense e, é claro, conquistar o mercado do continente para as armas e equipamentos produzidos pelos Estados Unidos.

Por outro lado, havia o perigo da infiltração nazi-fascista no continente, especialmente na América do Sul, onde havia grandes populações imigrantes de origem dos países do Eixo. Em vários países do continente, regimes ditatoriais com simpatias às doutrinas e práticas fascistas foram instituídos. Os estrategistas americanos temiam que regimes pró-nazistas fossem a base para possíveis invasões ou alianças com o Eixo. Entre 1939 e 1942, foram elaborados pelo menos sete planos de ocupação, por tropas norte-americanas, de pontos estratégicos da América do Sul, visando assegurar a “segurança hemisférica”¹⁸.

Os planos militares não precisaram ser executados, pois o ataque japonês a *Pearl Harbor*, em dezembro de 1941, uniu praticamente toda a diplomacia das três Américas contra o Eixo. Mas outros planos, de ações visando mostrar as boas relações entre o vizinho rico e poderoso, com os vizinhos pobres e não desenvolvidos, já eram realizados. Vários organismos foram criados para reforçar essa aliança das três Américas, sob hegemonia e liderança dos Estados Unidos.

¹⁷ Idem, p 46

¹⁸ CHILD, John. From “Color” to “Rainbow”: U.S. Strategic Planning to Latin America., 1919-1945. **Journal of Interamerican Studies and World Affairs**, vol. 21, n. 2, May 1979, p. 233-259; McCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército Editora, 1995, p. 114-115.

Um desses organismos foi o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations Between the Americas*, criado em agosto de 1940, que estava diretamente ligado aos projetos de segurança nacional dos Estados Unidos, estando subordinado ao Conselho de Defesa Nacional estadunidense.¹⁹

Esse escritório desmembrava-se em três divisões: Divisão Comercial e Financeira, Divisão de Comunicações e Divisão de Relações Culturais. O objetivo que norteava as políticas dessa agência era a de afastar o perigo alemão, que nesse período representava insegurança para os interesses, principalmente econômicos, dos Estados Unidos na América Latina. Por mais que trouxesse a assimilação do *American Way Of Life* através de um caráter cultural, essa agência tinha como objetivo a viabilidade para projetos político-econômicos na região.²⁰

Um ano após a criação do *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations*, seu nome foi alterado para *Office of The Coordinator of Inter-American Affairs*, o OCIAA²¹.

Ao lado de uma política propagandística podemos perceber relações econômicas crescendo na América do sul, em especial no Brasil. Com o objetivo de impedir o Comércio de Compensação alemão, o OCIAA também ofereceu apoios financeiros para aquecer a economia brasileira²².

¹⁹ MOURA, Gerson. **Tio Sam Chega ao Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.21.

²⁰ TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit, p.51

²¹ Idem, p.50

²² “De seu lado os Estados Unidos forneceram ao Brasil equipamento militar – inclusive tanques e aviões - dentro do programa *Lend-Lease* (Empréstimo e Arrendamento). O Brasil foi, de fato o beneficiário de mais de 70% de todo o programa para a América Latina. Oficiais superiores brasileiros – o maior contingente de oficiais aliados – receberam treinamento em *Fort Leavenworth* outros locais. Os Estados Unidos continuaram sendo o grande mercado do café, principal produto de exportação do Brasil, e de outros alimentos. E, embora incapazes de fornecer ao aliado todos os bens manufaturados e de capital de que ele precisava, em parte devido às restrições à navegação, os Estados Unidos fizeram empréstimos (notadamente o do Export-Import Bank para a construção da siderúrgica de Volta Redonda , no estado do rio de janeiro) e deram assistência técnica (por intermédio da missão Cooke em 1942, por exemplo), o que acelerou consideravelmente o desenvolvimento econômico – e especialmente o industrial do país”. In BETHELL, Leslie; ROXBUROUGH, Ian. Op. Cit, p.66

O Brasil sofreu, através do OCIAA, um verdadeiro bombardeio cultural. Os Estados Unidos se mostrou os porta-vozes do progresso, da democracia e de admiráveis valores morais, que eram transmitidos no Brasil através do rádio, do cinema, de revistas, de programas econômicos e de saúde. A imagem modelar da sociedade foi trazida por artistas, músicos e intelectuais e não por imposição militar.

No esforço por construir uma boa imagem da nação americana, dentro da "Política de Boa Vizinhança", estava a publicação de revistas e livros. Uma dessas publicações foi a revista "**Em Guarda**". Publicada entre 1941 e 1945, acompanhou a participação das Américas na guerra. A revista, de caráter mensal foi editada e distribuídas em três línguas (Espanhol, Português e Francês). Combinada com outras publicações norte-americanas distribuídas na época, como "Seleções de *Readers Digest*²³", a revista "Em Guarda" foi um dos elementos que reforçaram esse "bombardeio estrangeiro - diga-se estadunidense" no Brasil. Seus artigos mostravam de forma explícita a proteção dos Estados Unidos aos seus vizinhos da América Latina em plena Segunda Guerra Mundial, tentando criar um clima de "boa vizinhança" entre o continente americano. As potências do Eixo eram criticadas no sentido de associá-las ao mal e escravidão, em contraposição à sociedade estadunidense que trazia em si as liberdades humanas, apresentando um caráter praticamente divino.

Com o lema, "Para a Defesa das Américas", que os editores da revista "Em Guarda" estamparam, logo em sua capa, a proposta do seu periódico. E assim ela permaneceu, por quatro anos, levando essa intenção de união americana frente à luta contra os "inimigos" do Eixo e principalmente, tendo como

²³ "*Seleções*" continuou sendo publicada por décadas em vários países, inclusive o Brasil. In: JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande**. Imaginando a América Latina em *Seleções*: oeste, *wilderness* e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

norteador de toda essa empreitada bélica, os Estados Unidos da América.

Em Guarda para a defesa das Américas

Para Gerson Moura, o conteúdo da propaganda impressa estadunidense estava diretamente ligado às fases que os Estados Unidos passaram na guerra. Portanto, podemos dizer que a explicação para que os artigos dos primeiros anos da Revista "Em Guarda" referissem quase que exclusivamente ao poderio bélico estadunidense, possuiu o objetivo de mascarar para os latino-americanos as incertezas do destino das próximas ofensivas. "Antes do desembarque anglo-americano ao norte da África (novembro de 1942), quando a situação militar no hemisfério era incerta, a ênfase recaía na demonstração do poderio militar dos Estados Unidos."²⁴

Como os Estados Unidos justificariam essa empreitada militar se, até então, permaneciam "neutros" na guerra? O modo mais viável era manter o discurso de luta pela democracia nas Américas, que corriam o risco de sofrer como o povo europeu estava sofrendo.

A guerra acaba de ser imposta ao Hemisfério Ocidental.

O traíçoeiro ataque japonês no Pacífico, e as declarações de guerra de Hitler e Mussolini, põem risco o solo dos Estados Unidos. Em verdade, põem em perigo todas Américas, desde o estreito de Bering até o estreito de Magalhães.

Quanto a isso, não há a menor dúvida. Os bombardeios que estrondosamente levantaram vôo da terra do Sol Nascente para projetarem-se ao romper do dia sobre o território americano de Hawaii, lançavam um ataque sobre poderosa guarda avançada de nossas liberdades. No Pacífico, Hawaii e suas

²⁴ MOURA, Gerson. Op. Cit, p. 33.

fortificações estão “Em Guarda” para defender a liberdade e independência das Republicas Americanas. No Atlântico, há-se também ser o nosso poder que manterá afastadas das hordas Nazista e Fascistas, as vias de acesso ao nosso continente.²⁵

Diante da grande ameaça ao continente americano, os Estados Unidos, após a ofensiva japonesa à *Pearl Harbor*, em 1941, foram obrigados à pegar em armas e colocarem-se em “Em Guarda” pela defesa da democracia. Colocar-se “Em Guarda” adquire um sentido mais de defesa do que de ataque. *Cordell Hull* acertara em cheio quando garantiu que “Em Marcha” daria uma conotação muito agressiva da parte dos Estados Unidos. Segundo a matéria acima citada, a ofensiva dar-se-ia somente porque as nações americanas corriam perigo de serem atacadas.

Neste sentido, vemos uma grande gama de artigos que apresentam o poderio bélico dos Estados Unidos. Tudo que existe de mais moderno em aviação, armamentos, materiais para comunicação, submarinos, tanques blindados foi detalhadamente exposto para o leitor, com a finalidade de criar uma imagem de segurança nos Estados Unidos e mostrar a todos que seria melhor ficar a favor do que contra esse país.

Em Julho de 1940, fabricaram-se apenas 561 aviões militares. Em setembro deste ano, 1941 a Marinha incorporou à esquadra mais unidades durante o curto período da presente expansão, do que nos quatorze anos decorridos entre 1922 e 1937. Tanques de todos os tipos estão a sair aos milhares, mensalmente, das linhas de montagem. A produção de material bélico em geral, triplicou nos primeiros nove meses deste ano, e em matéria de munições o aumento foi de dez vezes mais. E a marinha mercante aproximou-se rapidamente da sua média estimada de um navio por dia.²⁶

²⁵ Revista Em Guarda, Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs,. ano 1, nº 4 , p. 5

²⁶ Idem, p. 9.

Em uma comunicação feita ao congresso, em 6 de janeiro de 1942, o presidente Roosevelt referiu-se aos antigos estadunidenses que outrora defenderam os princípios cristãos ao fundarem uma nova nação. No contexto da guerra, o homem como 'a imagem e semelhança de Deus', estava sendo agredido pelas potências do Eixo. Pois a escravidão (medida imposta pelas potências do eixo aos europeus e asiáticos dominados) era contrária à liberdade dada por Deus e igualdade de todos perante Ele.

Todos que lutamos deste lado queremos ser fiéis a essa divina herança. Lutamos, como outrora fizeram nossos pais, para manter a doutrina pela qual todos os homens são iguais perante Deus. Aqueles que lutam do outro lado, se esforçam para destruir essa profunda crença, e para criar um mundo à sua própria imagem – um mundo de tirania, crueldade e escravidão²⁷

Enquanto o modelo estadunidense assemelhava-se ao paraíso de Deus, onde o homem era livre e feliz, o mundo vivido pelos países do Eixo recebia a face da tirania e crueldade, além de escravizar sua população. Esse mundo nada tinha de semelhante a um mundo divino. Percebemos, portanto, a dualidade criada pela propaganda estadunidense: de um lado o bem, do outro o mal. Somente uma nação fundada nas leis divinas poderia receber essa grande missão que era, para Roosevelt, lutar pela "segurança, pelo progresso, pela paz não apenas para nós, mas para todas as gerações"²⁸.

Diante do medo do desmoronamento de sua sociedade, os países americanos (aí incluímos os Estados Unidos) viram-se numa situação de pânico, onde sua sociedade poderia ser abalada consideravelmente, se não forem tomadas medidas de segurança. Esse pânico foi um grande auxílio para os coordenadores do OCIAA, já que o medo poderia levar as

²⁷ Revista EM GUARDA. Op. Cit, Ano 1, nº 5, p.2

²⁸ Idem, p.2.

peças a questionarem menos a empreitada bélica advinda da Casa Branca.

Enquanto que Adolf Hitler e seus bandidos de Tóquio e Roma procuram, com uma crueldade nunca vista antes, algemar o mundo a uma 'nova ordem' nazista ou japonesa, as Nações Unidas estão se batendo para proporcionar ao mundo a verdadeira antítese de um destino tão ameaçador²⁹

Para forjar um clima de união e entusiasmo pela grande 'missão' iniciada pelo seu país, a revista mostrou a população estadunidense envolvida de corpo e alma com a guerra. Como muitos homens foram lutar nos campos de batalha de vários lugares da Europa, as indústrias ficaram sem sua mão-de-obra. Para solucionar tais problemas, as mulheres foram convocadas a substituírem seus "maridos" nas fábricas e assim ajudarem o país neste momento tão delicado.

Todos pareciam muito dispostos e felizes por colaborarem com seu país. Pelo menos é o que fica claro nas imagens trazidas para ilustrar o artigo: 'A mulher na defesa'. Todas sempre sorridentes substituem os homens nas tarefas antes não destinadas a elas.

Essa reversão de papéis, (exercer um trabalho de essência masculino) muitas vezes discriminados pelos mais conservadores, tinha o objetivo de promover os Estados Unidos como a nação que superava até mesmo a diferença sexual em prol de seu desenvolvimento. Não havia problema nenhum em as mulheres fazerem serviços pesados e socialmente masculinos. Em um estado democrático pensava-se em primeiro lugar pelo bem da nação.

²⁹ Ibidem, p.1.

Abaixo um trecho e as suas ilustrações acerca dessa ideia da mulher na defesa:

Figura 3

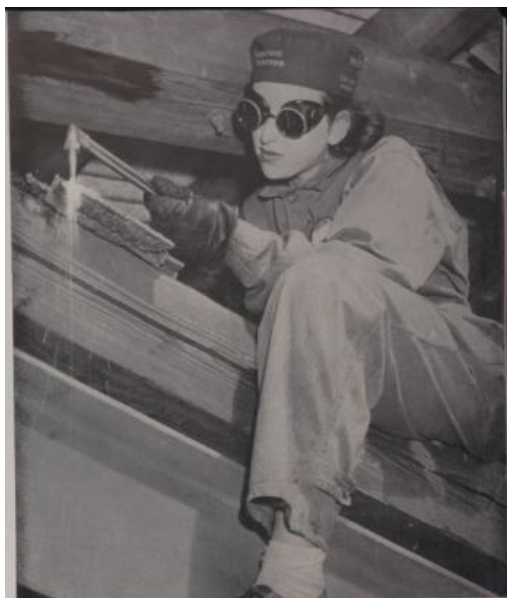


Figura 4



(Fonte: Revista Em Guarda, ano 1, nº4, pág. 16 e 17)

Não é esta a primeira vez que indústria americana apela para o trabalho feminino. A conscrição militar chamou ao exército milhares de sorteados que trabalhavam em fábricas. A mulher teve de substituí-los e desta vez em número realmente extraordinário. (...)A mulher tem demonstrado em vários encargos, que é capaz de produzir melhor trabalho do que o homem que ela substituiu. Em trabalhos que não requerem a variedade, mas nos quais a paciência e a precisão são indispensáveis, a mulher adapta-se melhor.³⁰

Essa mobilização de sua população em meio à guerra serviria como exemplo aos outros países (principalmente aos latino-americanos) do grande empenho que se deveria ter pelo bom crescimento de seu país.

³⁰ Em Guarda, Op. Cit. ano 1, nº 4, p. 16 e 17.

Se eles não reagissem, o 'mundo escravizado' poderia bater-lhes à porta e tudo o que construíram até então, poderia desmoronar de uma só vez.

Porque, no momento em que as forças armadas dos Estados Unidos, por toda parte, entraram em ação, todas as diferenças de opinião do povo norte-americano, diferenças legítimas que só existem entre um povo democrático, foram imediatamente postas à margem. Aqueles que estavam sendo chamados 'isolacionistas' reuniram-se aos que eram classificados como 'intervencionistas'. Chefes trabalhistas, da Federação Americana do Trabalho e do Congresso de Organizações Industriais, declararam-se solidários com os representantes da Indústria, para garantirem ao Governo a mais completa colaboração. E dos próprios chefes trabalhistas manifestou-se a voluntária determinação de absterem-se de qualquer greve durante o período da Guerra³¹

Esse 'trabalho em equipe' tornava-se um ponto chave para os posteriores discursos do presidente brasileiro Getúlio Vargas. Ao atrelar sua aliança com os EUA e se dispor a fornecer pontos estratégicos para bases militares na costa nordestina e enviar um contingente de mais de 25 mil homens que compuseram a FEB (Força Expedicionária Brasileira), Getúlio também convocou as classes trabalhadoras a contribuírem através de seus trabalhos com o país em guerra. Era uma guerra de "todos" (a pretensão de Getúlio) contra as forças nazistas.³²

Para averiguar a constatação de Gerson Moura acerca do conteúdo das propagandas produzidas pelo governo estadunidense estarem vinculadas com o momento em que este vivia na Guerra, e verificar em que medida essa constatação pode estar também impressa

³¹ Idem, p. 5

³² FONSECA, Pedro Cesar Dutra. **Vargas: o capitalismo em construção, 1906-1954**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.312-313.

em nosso objeto de pesquisa, buscamos fazer um levantamento nas revistas que compõem o primeiro ano de edição.

Em seu primeiro ano, a revista “Em Guarda” traz na maioria de suas reportagens escritas, o objetivo claro de demonstrar seu poder militar e bélico. Para tal constatação foram verificadas oito revistas, das doze que compõem a edição do ano de 1942. De acordo com cada reportagem escrita, montamos uma tabela que incluíram as palavras-chave de cada reportagem, assim, em um momento posterior, pudemos agrupá-las em temas de maior recorrência. São eles:

- Novidades bélicas (armas e veículos de Guerra)
- Recrutamento, treinamento dos soldados estadunidenses.
- Altos oficiais e grandes personalidades políticas dos Estados Unidos
- Mobilização do povo americano, com ênfase na figura feminina.
- Altos oficiais e grandes personalidades políticas latino-americanos.
- Matérias – primas para a fabricação do arsenal de guerra.
- Descaracterização dos inimigos, de sua sociedade.
- Programas para o desenvolvimento das Américas.
- O bom tratamento clínico das tropas estadunidenses.

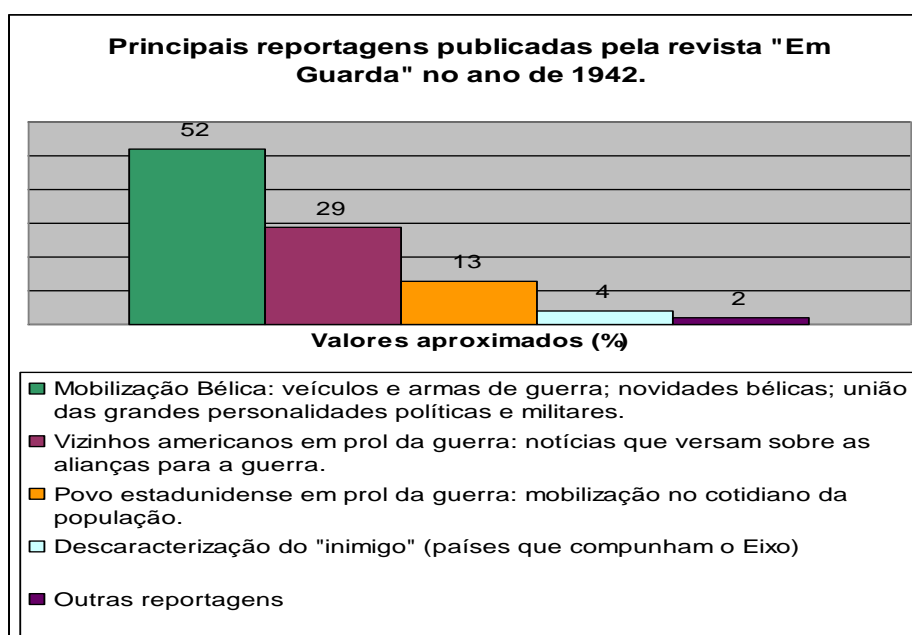
Ao contrário de periódicos da mesma época, como O Cruzeiro³³ e Seleções da *Readers Digest*³⁴, que traziam reportagens destinadas ao interesse cotidiano das pessoas, que iam de receitas de bolo, dicas de beleza a jardinagem, ‘Em Guarda’ foca-se, exclusivamente, a assuntos de interesse militar e estratégico, em todos os seus exemplares.

³³ Sobre a revista O Cruzeiro ver: O Cruzeiro – revolução na fotorreportagem, de Nadja Peregrino.

³⁴ Sobre a revista Seleções da *Readers Digest* ver: Ao Sul do Rio Grande. De Mary Anne Junqueira.

Dentre os temas de maior incidência, como destacamos a pouco, foi possível fazer uma classificação ainda mais abrangente. Dessa forma, a mobilização bélica, a descaracterização do inimigo, e o povo americano em prol do ideário bélico podem ser entendidos como o foco em torno da qual emanará a maior parte das reportagens. O índice percentual dessas temáticas pode ser expresso no gráfico abaixo:

Gráfico 1



(Fonte: Gráfico feito pela autora, de acordo com dados da Revista Em Guarda)

De acordo com os dados acima citados, percebemos que mais da metade dos artigos contidos na revista dizem respeito ao poderio bélico e envolvimento com o conflito por parte dos Estados Unidos. Tudo o que há de mais novo no tocante à tecnologia de guerra são mostrados pela revista. Metralhadoras, mísseis de curta e longa distância, tanques de guerra, imensos submarinos, aviões bombardeiros, afloram a imaginação dos apaixonados por esse tipo de tecnologia e tem o poder de produzir, àqueles que não são tão enamorados pela guerra, ao menos, uma sensação de segurança.

Outro elevado número de artigos, praticamente um terço do total, refere-se aos vizinhos americanos, que estão se mobilizando pouco a pouco na luta contra o Eixo. A cada nova aliança firmada, uma reportagem enaltecendo o determinado país é realizada. Assim, quando Getúlio Vargas firma seu propósito de luta ao lado das forças Aliadas, quatro páginas da revista são dedicadas ao Brasil, exaltando aos olhos da América as suas belezas naturais, seu determinado governo que não poupa esforços na luta democrática e seu povo maravilhoso, que parece estar muito a par do propósito real da Guerra.

Uma guerra, nesse caso particular a Segunda Guerra Mundial, em que a luta faz-se em prol a defesa da democracia no mundo, não “pode” ser feita apenas pela cúpula política e militar, mas sim pelo engajamento de toda a sociedade. Resultante desse pensamento, um terceiro tipo de reportagens faz-se notório na Revista, tanto em quantidade e reportagens como no destaque que estes adquirem no periódico. Estas reportagens serão as que darão enfoque na mobilização do Povo americano na guerra. O cidadão comum, os homens, mulheres e crianças, em seu cotidiano familiar, profissional, ou simplesmente pelo “sim” à causa militar, podem ser o fator determinante do sucesso estadunidense no *front*.

Por último, vimos que a descaracterização do inimigo assume um valor secundário na publicação. São raras as reportagens escritas que falam dele e do “perigo” que ele pode causar ao mundo democrático. Quando aparecem, coincidentemente após uma reportagem que fala do ‘poderoso’ arsenal bélico Aliado, as palavras utilizadas são ásperas e diretas e as imagens chocantes. Porém, as poucas reportagens dessa temática refletem o ideário “Em Guarda”, pois trazer a maioria das folhas impressas com notícias do “inimigo” é um espaço a menos para exaltar o potencial bélico Aliado. Também pudemos compreender que neste ano o inimigo estava ganhando no *front* de guerra. Talvez quisessem evitar falar demais de algo que, até nesse momento, levava a vitória. Sabe-se que o

inimigo existe! Porém, o importante a se fazer é estar sempre “em alerta” contra ele.

Tendo em mente as afirmações de Gerson Moura sobre o conteúdo da propaganda de guerra estadunidense estar diretamente vinculada às fases que este passa no conflito, procuramos verificar em que sentido nossa revista refletiu essa estratégia aparentemente inocente, mas que adquire propósitos bem delimitados política e economicamente.

Temos então uma constatação de que de início, os editores da “Em Guarda” preocuparam-se em expor o poder de guerra estadunidense. Os governantes dos países americanos juntamente com sua cúpula precisavam de segurança ao aderir à luta com os Estados Unidos, principalmente. A escolha não era fácil, já que poderiam receber represálias alemãs. O melhor a se fazer era unir-se aos Estados Unidos e colocar nele o seu destino.

REFERÊNCIAS:

BETHELL, Leslie; ROXBUROUGH, Ian. **América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

CHILD, John. From "Color" to "Rainbow": U.S. Strategic Planning to Latin America., 1919-1945. **Journal of Interamerican Studies and World Affairs**, vol. 21, n. 2, May 1979.

FONSECA, Pedro Cesar Dutra. **Vargas: o capitalismo em construção, 1906-1954**. São Paulo: Brasiliense, 1989

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande**. Imaginando a América Latina em *Seleções: oeste, wilderness e fronteira* (1942-1970). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

McCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército Editora, 1995

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem**. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

Revista **EM GUARDA**. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs, Ano 1.

TOTA, Antônio Pedro. **O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.